

# Operações na Selva: Operação Jaquirana, uma Experiência Brasileira

Cap Inf  
ADALBERTO BUENO DA CRUZ

## I — INTRODUÇÃO

No início de 1960, foi realizada pelo então Grupamento de Elementos de Fronteira (GEF), hoje extinto, uma série de operações cujo objetivo era de eliminar grupos de bandoleiros que estavam atuando na região compreendida entre os rios Javari, Curuçá e Itui (Ver Mapa n.º 1).

Estas operações muito serviram aos instrutores do extinto CIGS, para o estudo do emprego das pequenas frações na selva e de ponto de partida para o estabelecimento de bases para uma futura doutrina de Operações Fluviais.

Os objetivos que nos levaram a organizar este trabalho, foram os de colher ensinamentos práticos de uma operação realizada por tropa brasileira na selva Amazônica e a par disto, mostrar o trabalho destes heróicos integrantes do CMA, que apesar de todas as dificuldades impostas pela agressividade do meio Amazônico, suplantam-se na realização do trinômio *Segurança — Integração — Desenvolvimento*.

Antes de iniciarmos, algumas explicações se fazem necessárias,

A medida que avançávamos na sua execução, uma grande dúvida nos sobressaltava: realizarmos um trabalho extenso, com riqueza de detalhes, ou reduzirmos as narrações em favor da síntese. Levados por dois argumentos, a falta de fontes de consulta sobre Operações na Selva e de serem estas operações normalmente executadas por pequenos escalões, optamos pela primeira. Portanto, se um simples cipó ocasionou problemas para os integrantes dos destacamentos, ele foi citado.

Devido à inexistência de cartas precisas da região Amazônica, a localização dos igarapés, rios de menor importância e das localidades citadas, não é exata. Certas informações e dados foram propositalmente deixados de citar por motivos de segurança e, outras, foram citadas por elementos que participaram das ações, quando por nós entrevistados.

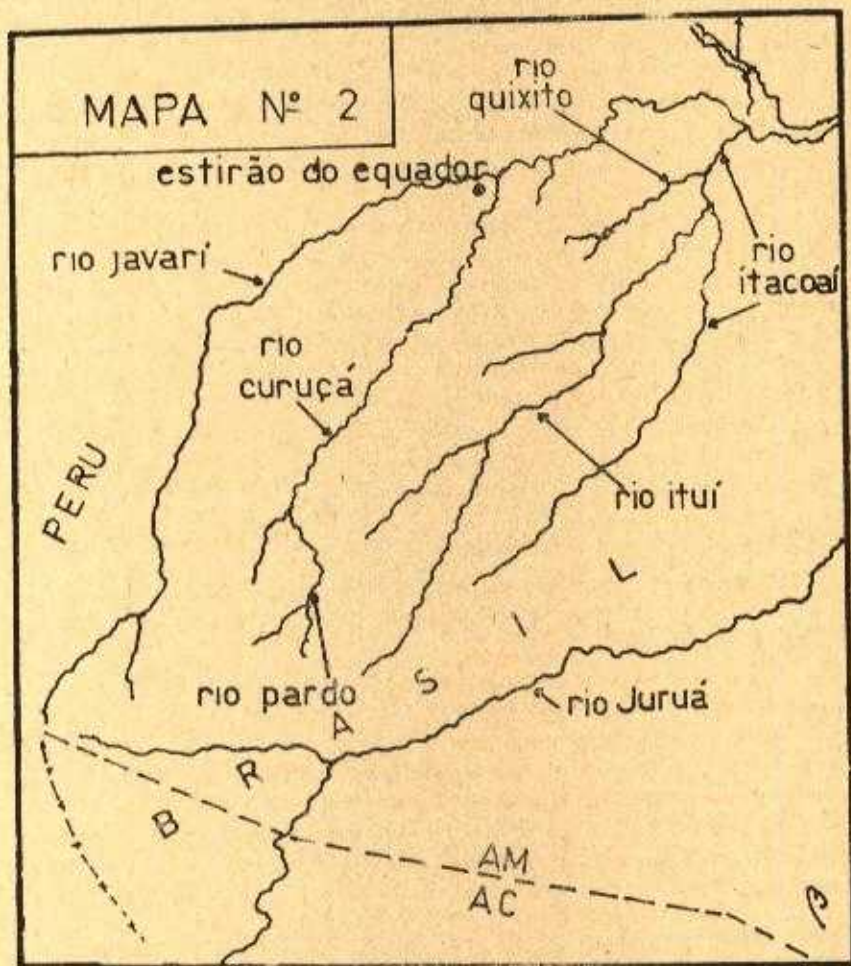


MAPA N.º 1

Finalizando, um esclarecimento a mais. O nome oficial da Operação, constante da Diretriz Geral de Operação baixada pelo Cmt CMA, era Operação Javari — Curuçá, mas o nome popular que vingou entre os elementos que dela participaram e que até hoje é conhecido, foi o de Operação Jaquirana, pois por esse nome também é chamado o Alto Javari. Depois desta, mais duas operações foram executadas e são, também, conhecidas por este nome.

## II — AREA DE OPERAÇÕES

As ações militares se desenvolveram na região SO do Estado do Amazonas, na bacia do rio Javari, incluindo seus afluentes Curuçá e Itacoai (Ver Mapa n.º 2).



MAPA N.º 2

O rio Itacoai tem uma extensão calculada em 300 km; tendo como afluentes principais os rios Quixito, Itui e Branco, todos na margem esquerda.

O rio Curuçá desemboca no Javari a aproximadamente 380 km de sua foz, tem uma extensão total de 180 km (1) e seu principal formador é o rio Pardo.

O clima no vale do Javari não difere da classificação geral da Amazônia: quente e úmido, segundo Koppen. Dados concretos sobre a temperatura e precipitação, na época da operação, não possuíam, mas no município vizinho, Benjamin Constant, apresentou em 1956, os seguintes dados (3):

Temperatura: média das máximas — 32,7°C  
                  média das mínimas — 18,6°C

Precipitação anual: 2.994 mm

A flora e a fauna constituem as riquezas naturais da área. É rica em madeiras de lei, seringueira e sorveira. Os rios são piscosos, abundando o pirarucu, tambaqui, curimatã e outros. Toda a população da área dedicava-se à extração da borracha, da madeira e à pesca. Quase toda a produção de borracha era desviada para os países limítrofes que ofereciam melhores preços. Muitos elementos estrangeiros, clandestinamente, também exploravam a área.

A população ao longo da margem brasileira do rio Javari e nos rios Curuçá e Itacoai, é bastante rarefeita, resumindo-se em sedes de seringais, distando por vezes, dias de viagem um do outro.

A densidade demográfica do município de Atalala do Norte, ao qual pertencem os 3 rios citados, era de 6,06 hab/km<sup>2</sup> (3).

Habitavam o território deste município os índios Mangeronas, Ticunas e Marubos. Destes vivem ainda remanescentes já em contato com civilizados.

A região do Javari foi uma das últimas a ser explorada devido aos ferozes indígenas e às doenças que ali grassavam.

Além da malária, endêmica na área, havia uma enfermidade cutânea conhecida como "puro-puru", que consistia em uma despigmentação progressiva e cuja causa não era conhecida.

Em 1960, a fronteira brasileira, em toda extensão do Javari, era guardada por apenas uma unidade do Exército, 9.º Pel Fron, localizado em Estirão do Equador, cerca de 90 km da foz do rio Curuçá.

### III — ANTECEDENTES

O Vale do Javari, desde um passado longínquo tem sido palco de lutas, seja contra indígenas que o habitavam, quando de sua conquista, seja contra bandoleiros estrangeiros, que acobertados pela fronteira praticavam assaltos, roubos e assassinatos.

Na década de 50, estas ações criminosas foram se avolumando a tal ponto que a população pacífica e ordeira começava a retirar-se, abandonando a área.

A partir de 1954, assaltos, roubos e raptos foram iniciados com uma certa constância nos vales dos rios Jaquirana, Curuçá, Quixito e Ituí. Como consequência imediata, as autoridades militares da 8ª RM e do EME decidiram pela instalação de uma unidade de fronteira em Estirão do Equador, nascendo o 9.º Pel Fron. Em 1959, o Comando do GEF empreendeu várias incursões com os elementos da 7ª Cia Fron-Tabatinga, nos rios Quixito e Ituí.

Cronologicamente as ações destes bandoleiros podem assim ser resumidas:

Em 1958 :

#### JULHO

- no Igarapé Sacudido, afluente do Curuçá, assalto de bandoleiros com armas de fogo, causando mortos e rapto de duas menores;

#### SETEMBRO

- no seringal Nova Empresa no rio Quixito, assalto com 2 mortes, provocando o êxodo dos trabalhadores;
- no Igarapé Esquerdo, afluente do Quixito, elementos armados assaltam a barraca de um extrator de madeiras provocando a saída de seringueiros da região;
- no rio Ituí, nos seringais localizados próximo a foz do rio Novo, assaltos e pilhagens.

Em 1959 :

#### JANEIRO

- informes avaliam o efetivo dos bandoleiros em cerca de 40 a 50 homens, armados provavelmente com armas de caça Cal. 16.  
Eram extremamente cautelosos, não deixando indícios reveladores de suas identidades. Tudo indicava serem estrangeiros, existindo brasileiros entre eles;

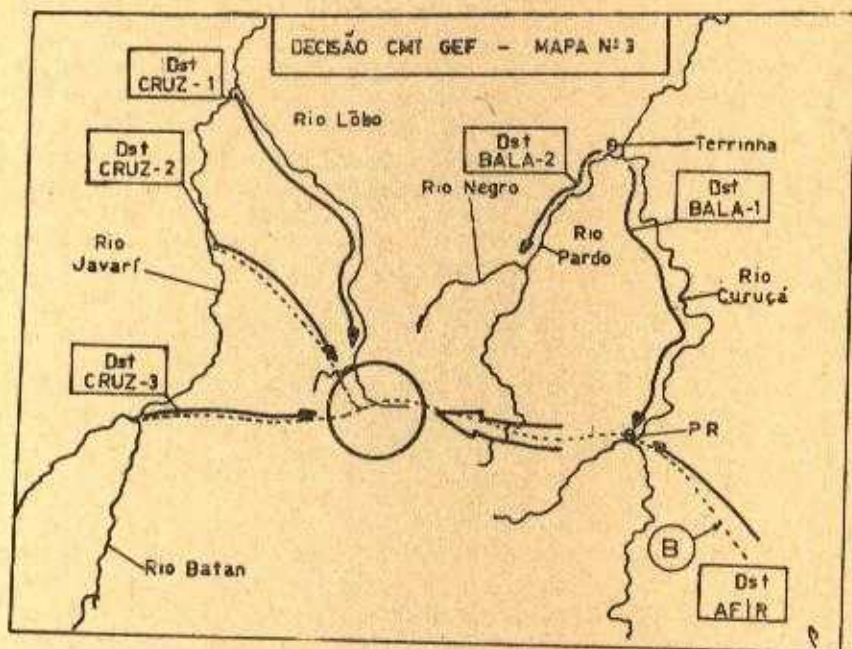
#### OUTUBRO

- ataque à tribo dos Marubos. Mortes e roubos. Após o ataque baixam o Curuçá.

## NOVEMBRO

— os índios Marubos identificam o acampamento e solicitam auxílio através de missionários.

Em consequência destes acontecimentos, que estavam causando um clima de inquietação e um verdadeiro êxodo dos habitantes dos vales destes rios, o Cmt do CMA, através do Cmt GEF, determina a execução de operações militares para exterminar os grupos de bandidos que assolavam a área.



MAPA N.º 3

## IV — DECISÃO DO CMT GEF

Baseado na Diretriz Geral de Operações do Cmt CMA, o Cmt GEF, em 20 Jan 60 baixa a sua Ordem de Operações n.º 01/60 atribuindo aos elementos subordinados que participariam das ações a seguinte missão: "Realizar a repressão dos bandidos no alto Curuçá e aprisionar os elementos suspeitos."

Estavam previstos, para executar esta operação, os seguintes elementos:

1 Dst Ref da 4ª Cia Fron sediada em Rio Branco — AC, 1 Dst da 7ª Cia Fron sediada em Tabatinga — AM e 1 Dst do 9.º Pel Fron (4) sediado em Estirão do Equador — AM. Mais tarde, com o desenrolar dos acontecimentos, foi lançado mão de um Dst do 2.º Pel Fron, sediado em Ipiranga.

A manobra idealizada pelo GEF visava à realização de um cerco no acampamento encontrado pelos índios Marubos, vindo de 4 direções diferentes e posteriormente a realização de um ataque. Para isso, foram atribuídos aos elementos subordinados, as seguintes missões. (Ver Mapa n.º 3).

#### A — Dst 4ª Cia Fron (Dst AFIR) (5)

“Atuar com o valor de 1 Pel Ref por Cruzeiro do Sul (AC) — Boa Fé (AM) — Cabeceiras do rio Curuçá, atacar, Ref ou não, a partir de 11 Fev na direção PR — Acampamento.”

Para isso o Dst AFIR deveria:

- deslocar-se de Rio Branco — AC para Cruzeiro do Sul — AC;
- de Cruzeiro do Sul, via fluvial, deslocar-se para Boa Fé — AM. Daí acompanhado de um guia subir o rio Ipixuna e Igarapé X (6) até atingir o varadouro (7) “A”. Deslocar-se por este, até atingir a aldeia dos Marubos;
- guiado pelos Marubos, deslocar-se pelo varadouro “B” até atingir o Ponto de Reunião (PR), localizado nas margens do rio Curuçá, devendo aí aguardar ligação com o Dst da 7ª Cia Fron;
- Ref por este Dst e em ligação com o do 9.º Pel Fron, subir o Curuçá, ganhar o afluente indicado pelos Marubos e atacar o acampamento.

#### B — Dst 7ª Cia Fron (Dst BALA)

“Deslocar-se pelo rio Curuçá, a partir de 7 Fev, até PR onde reforçará o Dst AFIR no ataque ao acampamento.”

Este Dst foi desmembrado em outros 2, cujas missões foram assim distribuídas:

**Dst BALA:**

- Instalar a base avançada das operações em Terrinha, na confluência dos rios Pardo e Curuçá;
- Patrulhar os rios Curuçá, impedindo a fuga do inimigo para o rio Ituí.

**Dst BALA — 1:**

- Deslocar-se pelo rio Curuçá e reforçar a partir de 7 Fev o Dst AFIR em PR.

**Dst BALA — 2:**

- Atuar pelo rio Pardo, a fim de atacar pelo N as reuniões suspeitas, em coordenação, se possível, com o Dst AFIR.

**C — Dst 9º Pel Fron (Dst CRUZ)**

Este Dst foi desmembrado em 3 outros, CRUZ-1, CRUZ-2, CRUZ-3, para melhor cumprir as missões impostas.

Estas, estavam assim distribuídas:

**Dst CRUZ**

- Desembarcar os Dst CRUZ 1, 2 e 3, respectivamente, na foz do rio Lobo, na margem brasileira frente a foz do Zábalo Yacu (Peru) e na foz do rio Batan;
- guardar as saídas para o rio Javari, bloqueando a foz dos rios Batan e Lobo;
- manter forte patrulhamento fluvial no rio Javari de modo a impedir, se possível, a fuga dos inimigos.

**Dst CRUZ-1:**

- desembarcar na foz do rio Lobo. Atuar a cavaleiro deste rio, a partir de 3 Fev para atacar as reuniões hostis nas cabeceiras do rio Lobo;
- transpondo as cabeceiras do rio Pardo, ligar-se, no rio Curuçá, aos demais Dst em operações.



**Dst CRUZ-2:**

- atuar a partir de 4 Fev a cavaleiro do varadouro que, da foz do rio Zábalo Yacu dirige-se para as cabeceiras do rio Pardo, vasculhando o terreno em busca de reuniões inimigas;
- se possível, ligar-se com os Dst AFIR e BALA, passando a disposição do primeiro.

**Dst CRUZ-3:**

- atuar a cavaleiro do varadouro que se dirige da foz do rio Batan ao PR;
- Reforçar o Dst AFIR;
- Caso não obtenha ligação com o Dst AFIR, descer o rio Curuçá com meios de fortuna até PR, para ligar-se aos demais Dist em operações.

**D — Dst 2º Pel Fron (Dst DEDO)**

- Atuar pelo rio Itui de modo a garantir a tranquilidade dos habitantes ribeirinhos, impedindo a fuga do inimigo por este rio.

**V — A CONDUTA DAS OPERAÇÕES**

As 9h40min do dia 29 Jan 60 parte de Rio Branco o Dst AFIR com destino a Cruzeiro do Sul, dando início às Operações, que foram executadas como abaixo descrevemos:

**A — Operações no Vale do Curuçá**

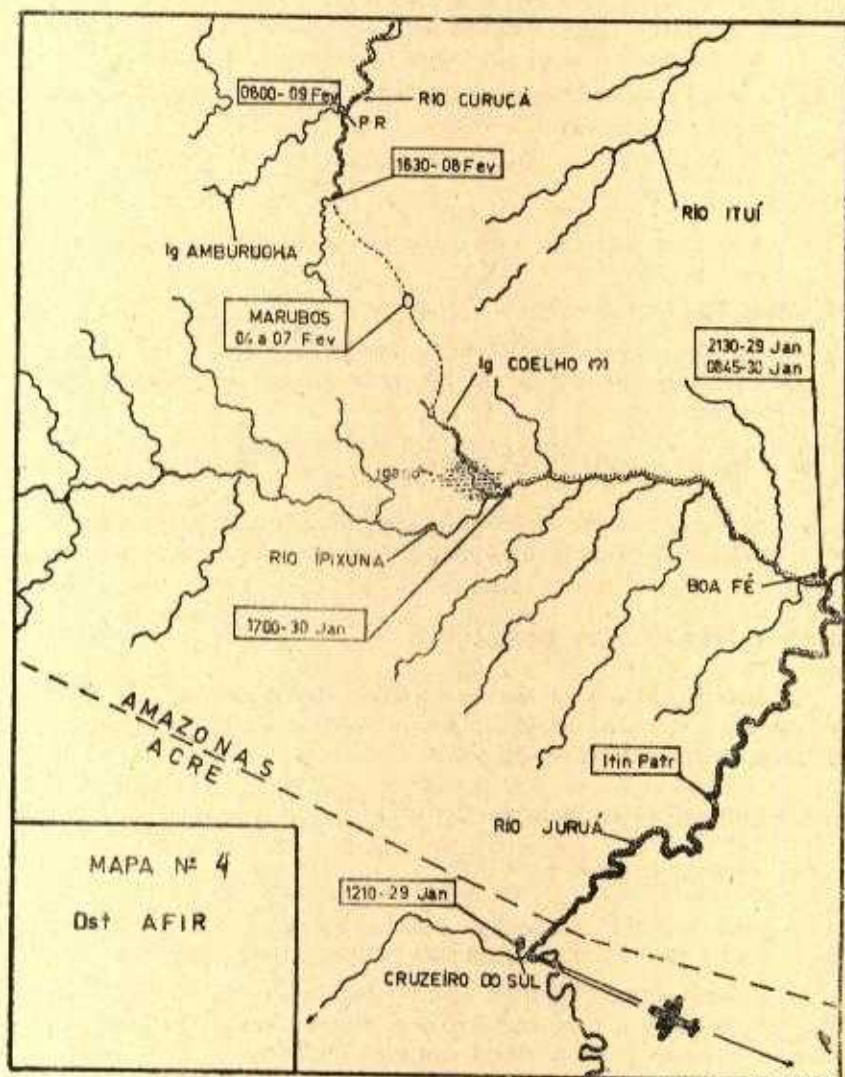
Dst AFIR (Ver mapa n.º 4 e 5)

Chegando em Cruzeiro do Sul, o Dst embarca e desce o rio Juruá com destino a Boa Fé, lá chegando às 21h30min do mesmo dia.

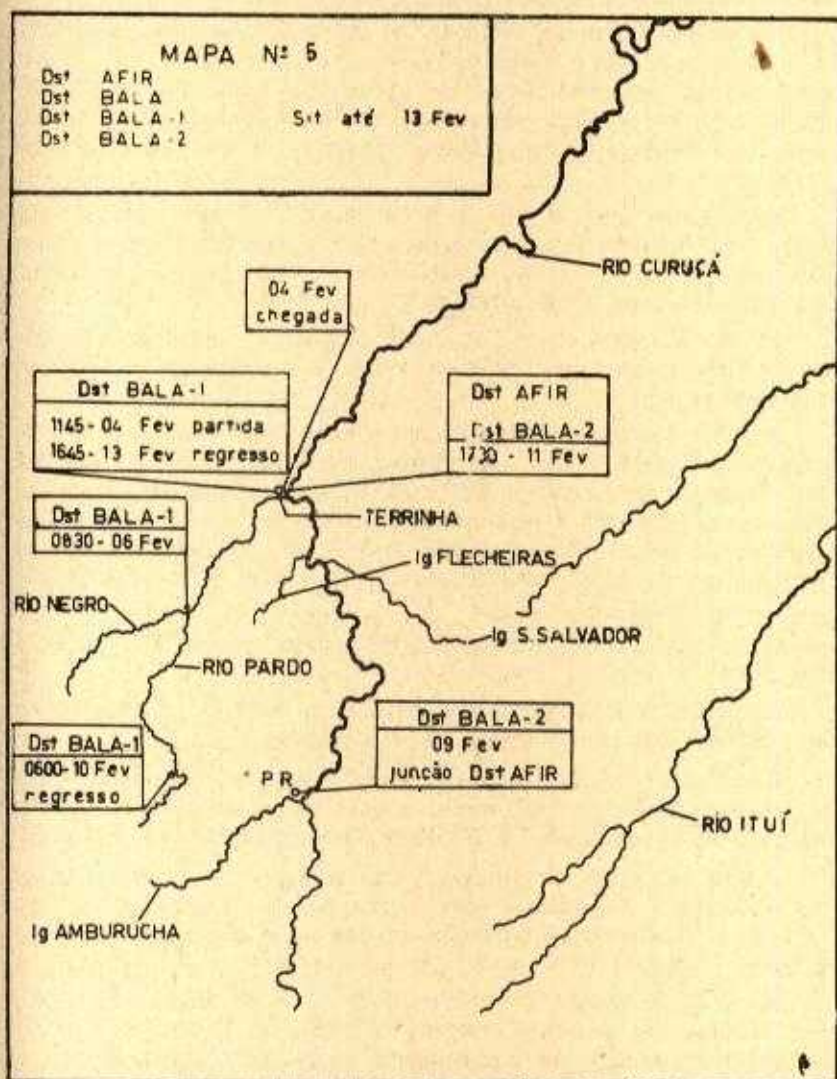
Nesta cidade é feito contato com o proprietário do seringal onde vivem os Marubos e com missionários protestantes, solicitando um guia para conduzi-lo até a aldeia daqueles indígenas.

Embarcando em canoas impulsionadas a remos, partem de Boa Fé a 30 Fev, subindo o Ipixuna e o Igarapé do Coelho (6).

A região próxima a este Igarapé era um imenso igapó (8), obrigando o pernoite e as próprias refeições, serem feitas dentro das embarcações.



MAPA N.º 4



MAPA Nº 5

Somente no dia 2 Fev é que chegam no ponto onde se iniciava a trilha que os levaria até a aldeia dos Marubos. Neste mesmo dia, iniciam marcha forçada para poderem chegar em PR na data prevista.

No dia 4 Fev chegam a aldeia dos Marubos, onde pernoitam. Entram em ligação com o Tuchaua, que se mostrou relutante em fornecer guias ao Dst. Nesta noite houve um alarme provocado pelas mulheres, de que a aldeia poderia ser atacada. O Cmt distribui seus homens para fazer frente a qualquer ataque, passando o Dst a noite inteira em vigília.

Somente na noite do dia 6 Fev é que o Tuchaua concorda em ceder 2 a 3 homens para guiá-lo. Mas no dia seguinte nenhum voluntário se apresentou. O Cmt então ofereceu lanternas e roupas, conseguindo por meio deste artifício, 8 voluntários.

As 13h do dia 7 Fev o Dst inicia a marcha para PR. Na tarde do dia 8 Fev chegam a um afluente do Curuçá, embarcam em 6 canoas e descem o rio.

A 9 Fev encontram-se no PR com o motor (9) Abel que os procurava. Esta embarcação estava guarnecida por 5 homens do Dst BALA-2. Não encontrando o Dst CRUZ-3 que o reforçaria e, sabendo que o Cmt GEF estava conduzindo as operações a bordo da lancha Japurá, que subia o Curuçá, o Dst desce o rio e chega a Terrinha às 17h30min do dia 11 Fev. Neste mesmo dia o Cmt recebe autorização para adiar o ataque.

O Dst BALA-1, que já estava em Terrinha, passou a reforçar o Dst AFIR.

As 13h30min de 12 Fev, partem com destino ao Igarapé Amburucha, chegando na sua foz na manhã de 14 Fev (Ver mapa n.º 6).

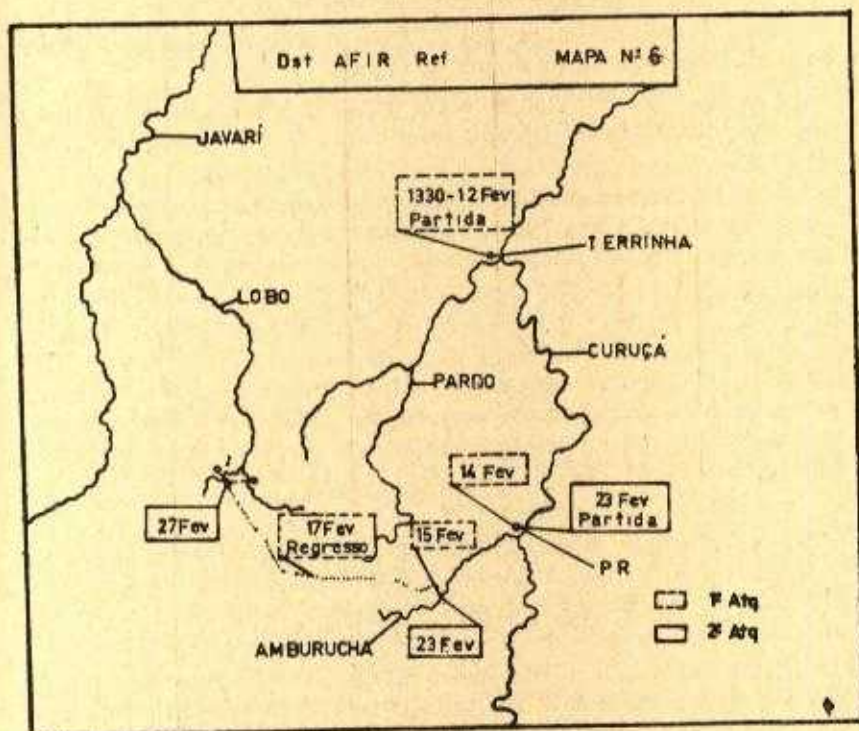
O Dst nesta ocasião contava com um efetivo de 43 homens, entre Of e Sgt, mais um civil que servia de guia. Deslocavam-se embarcados em 5 canoas, rebocados por uma embarcação provida de motor de popa.

Sobem o Igarapé Amburucha até às 14h45min de 15 Fev, quando desembarcam e preparam-se para marchar contra o objetivo. As embarcações são afundadas, para que não fossem descobertas, e o motor de popa escondido.

Na manhã seguinte, 16 Fev, iniciam o deslocamento por terra. As 10h25min um elemento é ferido com um tiro de Pst Cal 22. O acidente foi originado em consequência da Pst não estar travada e a Mtr INA, que estava sendo transportada pelo mesmo homem, enganchou num cipó e ao soltar-se bateu na outra arma, disparando-a. Feito um curativo o Dst prosseguiu a marcha.

As 15h30min o ferido não resistiu mais andar. O Cmt decide evacuá-lo, escalando 8 homens para seu transporte e segurança.

No outro dia, 17 Fev, às 8h30min o Cmt do Dst é acometido de um mal súbito. Refaz-se e prossegue. As 9h é acometido de um 2.º mal súbito, e como conseqüência decide estacionar, lançando uma Patr para fazer um reconhecimento nos tapiris (10) que se localizavam mais à frente.



MAPA N.º 6

A Patr retorna trazendo os seguintes informes: foi encontrado um botijão de 18, contendo um pouco de cachaça; alguns ovos assados e rastros, levando a crer que um grupo de 10 homens havia estado naquele local há poucas horas.

Nada mais encontrando, o Dst inicia o regresso às 10h45min deste mesmo dia. As 14h45min o Cmt novamente sente-se mal, desta vez com maior gravidade.

Na tarde do dia 18 Fev chegam no local das embarcações e começam a descer o Amburucha a remo, pois a embarcação dotada de motor já havia partido levando o ferido.

Chegam ao PR a 1h30min de 19 Fev. Sabendo que o Cmt GEF havia subido o Curuçá à procura do Dst CRUZ-3, o Dst AFIR sobe o rio para encontrá-lo e, posteriormente, colher macacheira numa plantação abandonada dos Marubos, pois a alimentação já estava bastante reduzida.

As 9h15min deste mesmo dia encontram-se com a lancha Japurá, onde estava instalado o PC do Cmt das Operações.

Nesta ocasião decidiu o Cmt GEF dar 3 dias de descanso à tropa, antes de lançar um outro ataque ao inimigo.

A 23 Fev parte novamente o Dst, subindo o Amburucha. No final deste dia, desembarcam e preparam-se para realizar uma aproximação por terra.

As 13h de 27 Fev atingem o primeiro acampamento. Este era constituído de 14 casas, que foram destruídas. Elas aparentavam ter sido abandonadas a pouco tempo e foram encontradas vasilhas esmaltadas, algumas peças de talheres, pratos, uma panela de estanho, uma lima triangular, latas de biscoitos e várias garrafas. Existiam 2 roçados, limpos e bem cuidados.

Após um descanso de meio dia o Dst iniciou o regresso, chegando na foz do Amburucha ao anoitecer do dia 1 Mar. Nesta mesma noite, toda a tropa iniciou o regresso a Tabatinga, chegando nesta localidade na manhã do dia 3 Mar.

Dst BALA — (Ver mapa n.º 5)

Deixa Tabatinga às 21h55min de 30 Jan, embarcados na lancha Japurá, com o efetivo de 14 homens e rebocando as lanchas que transportavam os Dst BALA-1 e 2. Deslocou-se para Benjamin Constant de onde partiu, às 5h de 31 Jan, com destino a Atalaia do Norte.

As 3h40min deste mesmo dia o batelão (10) Sameiro, que estava atrelado na Japurá afunda. Ele transportava 10 tambores de óleo Diesel um tambor de querosene, 3 paneiros (11) de farinha e 15 Kg de feijão. Conseguem arrastar o batelão até a margem (12) e amarram-no às árvores.

Com as embarcações dotadas de motores de pópa, conseguem resgatar 8 tambores de óleo e o de querosene, gastando nesta faina cerca de 5 horas de intenso trabalho.

Após uma parada em Atalaia do Norte, seguem para o rio Curuçá. Na madrugada do dia 2 Fev apanham o guia do Dst BALA-1.

No dia 4 Fev atingem a foz do rio Pardo e desembarcam o Dst BALA-1. A tarde chegam em Terrinha.

Deixando, no dia seguinte, uma guarnição instalando o PC GEF, o Cmt Dst BALA sobe o rio CURUÇÁ até o Igarapé São Salvador onde libera o Dst BALA-2 que deveria ligar-se com o Dst AFIR. As 12h30min,

deste mesmo dia, interditam a passagem de uma embarcação para averiguações. São informados que 2 horas, rio acima, foram ouvidos tiros de espingarda. Um dos civis prontificou-se a conduzir o Dst até o local.

Na manhã de 6 Fev deslocam-se guiados pelo civil. Chegando no local, o Cmt organiza uma Patr de 8 homens e penetra na selva. Após 4 horas a patrulha regressa sem nada encontrar.

Regressam a Terrinha, chegando a 7 Fev.

No dia 11 sobem o rio Curuçá em patrulhamento e às 15h30min encontram os Dst AFIR e BALA-2. Retornam a Terrinha.

No dia 12 Fev juntamente com os Dst AFIR, BALA-1 e 2, deslocam-se para o PR onde chegam às 8h de 14 Fev. Durante todo este dia o Dst realiza o patrulhamento no Curuçá, regressando após, a Terrinha.

No dia 15 Fev o Cmt GEF chega neste local e atribui nova missão ao Dst BALA: "Subir o Igarapé São Salvador, durante um dia e meio, e por meio de patrulhas reconhecer as cabeceiras do rio Ituí. Constatar a existência de bandoleiros e atacá-los. Procurar ligar-se com o Dst DEDO que atua no rio Ituí."

A tarde deste mesmo dia partem para cumprir a nova missão, acompanhados de um Oficial EM/CMA.

Na manhã do dia 16 Fev avistam um tapiri e desembarcam para examiná-lo. O Cmt Dst decide lançar uma Patr Rec na trilha que partia deste tapiri. Após 5 horas a Patr regressa, tendo observado que a trilha era muito antiga e não devia estar sendo usada.

A remo, prosseguem subindo o S. Salvador. No dia 18 Fev, lançam nova Patr à procura de trilhas, após 7 horas retorna sem nada ter encontrado. As 15hs deste mesmo dia, decidem regressar. No dia 20 Fev chegam a Terrinha.

No dia 21 Fev, o Cmt Dst recebe nova missão do Of EM/CMA: "Reconhecer o Igarapé Flecheiras (13), com duração máxima de 4 dias, com as seguintes finalidades:

- verificar a existência de habitações no local chamado Terra Firme;
- procurar contato com elementos ali residentes, constatando a existência de armas de fogo e em caso afirmativo, apreendê-las;
- se atacado reagir a força. Se houver necessidade de um ataque, só o fazer com superioridade de meios;

- reconhecer o Igarapé Pedro Lopez (13) nas mesmas condições do anterior;
- recolher os Elm do Dst CRUZ que desceram o Pardo e o Curuçá.

As 15h40min do dia 21 Fev, chegm à foz do Igarapé Flecheiras e o sobem até o dia 23 Fev, lançando Patr Rec a procura de trilhas. Todas deram resultados negativos. As 13h regressa atingindo Terrinha às 14h45min de 24 Fev.

O Cmt do Dst estando no comando do PC/GEF, lança no dia 26 Fev, o DST Cruz-1 para confirmar a veracidade dos informes de que existiam indícios recentes (3 dias) da passagem de bandoleiros junto ao Igarapé da Macaca (13).

No dia seguinte, o Cmt Dst sai em direção ao citado Igarapé, à procura do Dst CRUZ-1. As 17h10min, encontra a Patr que não havia confirmado os informes e pernoitam.

Em 28 Fev, o Cmt Dst BALA decide executar um vasculhamento à procura de trilhas, encontrando uma muito antiga. Nas cabeceiras do Flecheiras executaram um vasculhamento de 4 horas, nada encontrando. Regressam a Terrinha e de lá seguem para Tabatinga, onde chegam no dia 3 Mar, encerrando suas operações.

Dst BALA — 1 (Ver Mapa n.º 5).

Como vimos acima, este Dst deslocou-se para sua área de operações rebocado pelo Dst BALA, portanto, narraremos apenas as fases que não constaram na descrição anterior.

Tendo saído de Tabatinga no dia 30 Jan, às 12h45min de 4 Fev chegou na foz do Pardo, separando-se da lancha que o rebocava.

No dia 5 Fev ficam impedidos de navegar à noite por causa do grande número de troncos caídos dentro do rio, o que impedia uma viagem segura.

No dia 7 Fev a estreita largura do rio e a grande quantidade de troncos impediam o prosseguimento da lancha na qual estavam embarcados. Fazem um transbordo para as canoas menores dotadas de motor de popa e prosseguem a viagem.

No dia 9 Fev descobrem indícios em uma das margens: restos de fogueira e um pedaço de madeira marcando uma direção num varadouro. Fazem um reconhecimento e encontram um tapiri abandonado que pelas informações do guia deveria ter sido construído há um ano. Prosseguem subindo o rio até um ponto onde a quantidade de combustível tornou-se crítica, decidindo o Cmt regressar.

As 14h15min do dia 13 Fev chegam a Terrinha.



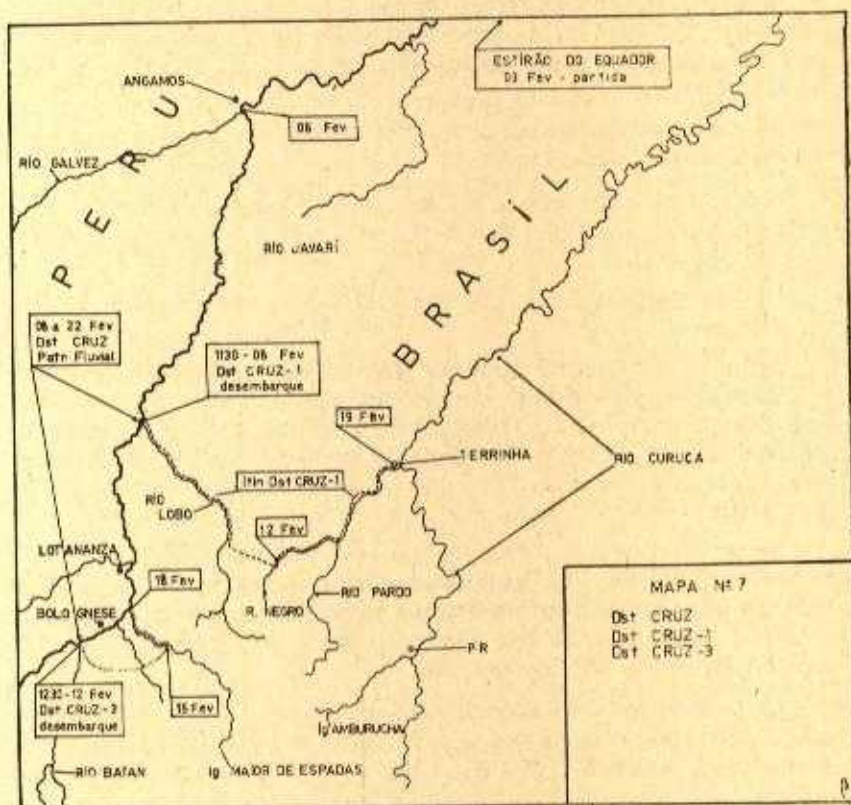
Destá data em diante passam a reforçar o Dst AFIR, conforme vimos anteriormente.

Dst BALA — 2 (Ver Mapa n.º 5).

A missão deste Dst era a de ligação com o Dst AFIR, o que foi feito, conforme relatado nas operações daquele.

### B — Operações no Vale do Javari

Dst CRUZ (Ver Mapa n.º 7).



MAPA N.º 7

Parte no dia 3 Fev de Estirão do Equador, subindo o rio Javari e conduzindo os outros 3 Dst, CRUZ 1, 2 e 3. Durante a viagem obtém os seguintes informes com habitantes locais, que navegavam o rio:

- que os bandoleiros estavam estabelecidos nas margens do Igarapé Paraguai (14). A origem da informação era de uma

mulher de nacionalidade peruana, que havia sido aprisionada por eles e tinha conseguido escapar;

- a tripulação de um batelão peruano informava, que já haviam sido atacados pelos bandoleiros.

No dia 8 Fev encontram uma jangada, na qual navegava um caçador, que havia sido indicado pelos habitantes locais para servir de guia.

Ainda na manhã deste dia, fazem o transbordo do Dst CRUZ-1, para as canoas dotadas de motor de popa e o próprio Cmt Dst CRUZ, os conduz para um ponto na margem do rio Lobo, desembarcando-o às 9h45min.

No dia 10 de Fev desembarca o Dst CRUZ-2 na margem brasileira, frente à foz do Zábalo Yacu.

Em 11 Fev o Dst atraca em Bolognese, localidade peruana, onde o Cmt obtém informações que o efetivo dos bandoleiros era avaliado em 200 homens.

No dia seguinte, 12 Fev, o Dst CRUZ-3 é desembarcado na foz do rio Batan.

Estando cumprida a primeira fase de sua missão, o transporte e desembarque dos 3 Dst, o Cmt Dst CRUZ inicia um intensivo patrulhamento fluvial no Javari, entre a foz do Batan e a localidade peruana de Lotananza, e nos igarapés Paraguai, Grande e Pequeno, Lobo e Maior de Espadas (13). Permanecendo nesta operação até o dia 19 Fev.

Neste dia obtém informações no posto militar peruano de Bolognese, que haviam sido vistos soldados brasileiros construindo uma jangada nas margens do rio. O Cmt então lembrou-se que na noite anterior havia passado por eles uma jangada, mas como não foi possível identificá-la, prosseguiram.

Com base nesta informação, imediatamente partiu com a canoa dotada de motor de popa, a procura da jangada. As 16h30min encontrou-a. Era o Dst CRUZ — 3.

O Dst Cruz prossegue patrulhando o rio até o dia 22 Fev, quando regressa a Estirão do Equador, chegando às 23 h de 23 Fev.

Dst CRUZ — 3 (Ver Mapa n.º 7).

Desembarcado na foz do Batan às 12h30min de 12 Fev, inicia a marcha de imediato. A progressão deste Dst foi muito difícil, pois, não possuía um guia e o terreno mostrou-se excessivamente difícil, com grande número de igarapés, igapós e chavascals (15).

Não encontraram o varadouro, que de acordo com o enunciado da missão, deveriam seguir.

Na noite de 14 Fev ouviram um tiro e uma batida de tambor.

No dia seguinte seguiram na direção em que ouviram o tiro. Encontraram apenas indícios de passagem de pessoas como pegadas e galhos quebrados.

Seguindo sempre na mesma direção encontraram um igarapé de grandes proporções. Supondo haver chegado num dos afluentes do Curuçá e como já estavam marchando há 4 dias, resolveram seguir o igarapé esperando chegar naquele rio.

Dois dias depois, 18 Fev, chegaram a um rio maior ainda. Julgaram ter chegado ao Curuçá, mas aos poucos, reconheceram que estavam no Javari. O Cmt decide então construir uma balsa e descer o rio. Assim fizeram, e no dia 19 Fev alguns homens são recolhidos pelo Dst CRUZ, os outros preferiram descer na jangada, até o Estirão do Equador.

Mais tarde chegou-se a conclusão que o igarapé que haviam seguido era o Maior de Espadas.

Dst CRUZ — 1 (Ver Mapa n.º 7).

Desembarcado na foz do Lobo às 11h30min de 8 Fev, subiram pela margem direita deste até o dia 12 quando, cruzando o divisor, encontraram outro igarapé correndo no sentido contrário do primeiro. Pensaram ter chegado ao rio Pardo, mas depois verificaram estar no rio Negro, afluente daquele.

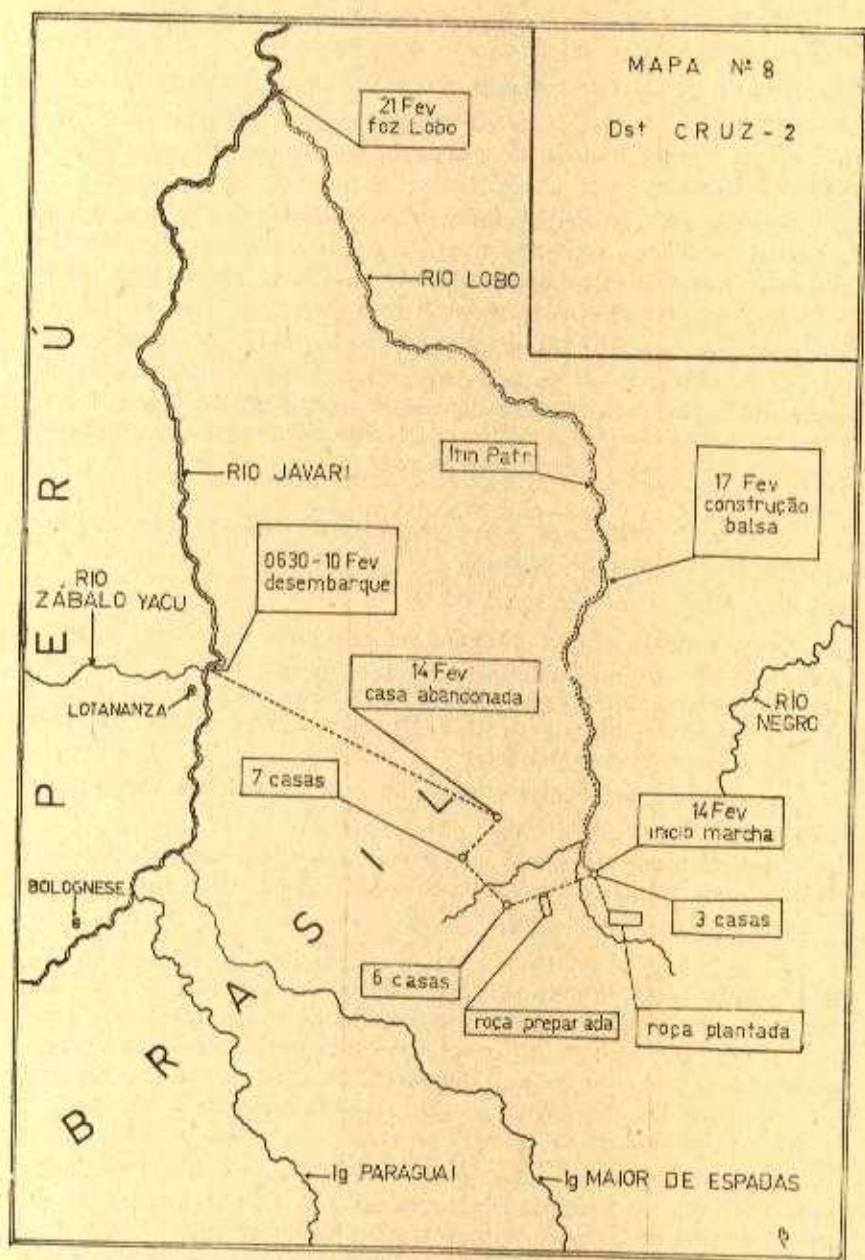
Construíram uma balsa e desceram este rio durante 7 dias, chegando a 19 Fev em Terrinha.

Durante todos estes dias encontraram apenas vestígios recentes e antigos de trânsito, provavelmente dos bandoleiros e, nada mais.

Dst CRUZ — 2 (Ver Mapa n.º 8).

Às 6h30min de 10 Fev, o Dst desembarcou na margem brasileira frente a foz do Zábalo Yacu. Deslocou-se durante 4 dias para SE, encontrando nas cabeceiras do rio Lobo, no dia 14 Fev, 4 clareiras com um total de 17 casas com indícios recentes, parecendo, conforme depoimento do Cmt "avisados do comparecimento da tropa". Não foi visto um inimigo sequer, mas durante os deslocamentos foram ouvidos ruídos de manejo de rifle e correrias na selva.

Seguindo as trilhas que ligavam estas clareiras encontrou uma roça cultivada, com medidas aproximadas de 1.500m x 300m. Havia plantações de macacheira, cupuaçu (17), bananas, goiabas, e outros frutos. Os homens do Dst ficaram impressionados na organização de plantio das bananeiras, que eram de diversas qualidades e em



MAPA N.º 8

esquadramento. Acharam uma outra, que estava sendo preparada para plantio, com dimensões bem menores que a primeira.

Todos estes conjuntos de casas ficavam próximos a Igarapés. O Cmt decidiu então seguir o maior, esperando chegar no Curuçá. Durante 4 dias marchou acompanhando a margem, até que no dia 18 Fev, construíram uma balsa e o desceram por mais 4 dias, chegando a foz do rio Lobo no dia 21 Fev. Daí foram transportados pela embarcação de um civil até Angamos (Peru) e de lá até Estirão do Equador, em outra embarcação civil, onde chegaram em 24 Fev.

Durante estes deslocamentos, o Dst foi "atacado por um surto de malária tendo sido combatido com comprimidos de Araleim". Quando navegavam em balsa pelo Javari, desabou forte temporal tendo sido perdido peças de equipamento e munição. Tiveram de sobreviver durante 4 dias, alimentando-se apenas de frutos silvestres pois caça, não foi encontrada. Um outro fato que convém ser ressaltado: nos 8 dias gastos para retornar, só não choveu em dois.

### C — Operações no Vale do Itui

Dst DEDO (Ver Mapa n.º 9).

Durante o desenrolar das operações nas cabeceiras do rio Pardo e Lobo, sentiu o Cmt CEF necessidade de bloquear o rio Itui, evitando desta maneira uma provável fuga dos bandoleiros para aquele rio pois, além daquela área já ter sido saqueada por eles, havia um varadouro que ligava o Seringal Franklim, do Curuçá, ao rio Itui. Esta missão foi atribuída a um Dst do 2.º Pel Fron — Ypiranga.

No dia 8 Fev, o Dst desloca-se em um Catalina da FAB para Benjamin Constant. De lá segue para Tabatinga, de onde segue para alto Itui.

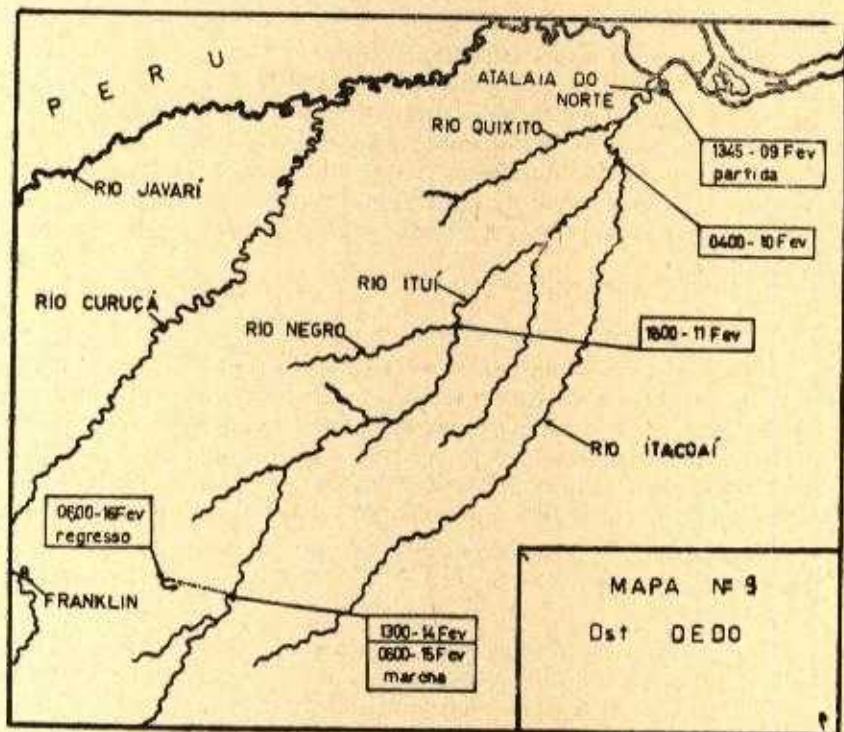
Em Atalala do Norte, obtém informações que no dia 3 Fev, no alto Quixito, foram ouvidos vários tiros e encontrado vestígios dos bandoleiros. Um civil recentemente chegado da região do Igarapé Moruna (18), informou que entre aquele Igarapé e o Seringal Franklim, encontrou 5 tapiris com várias tijelinhas de seringa (19) e um esqueleto de mulher, pois tinha uma pulseira no pulso esquerdo. Este civil, como parecia conhecer bem a região, foi colocado como guia do Dst.

No dia 10 Fev, às 4h, atinge a foz do Itui e começa a subi-lo. A 12 Fev o Cmt do Dst faz um estudo de situação e toma seguinte decisão.

- Desembarcar às 6h de 15 Fev abaixo do Igarapé CRUZ (13), seguir no rumo Az Mg de 100.º até atingir o Seringal Franklim, bloqueando qualquer grupo que tente passar para o Itui.

As 13h de 14 Fev o Dst desembarca no local previsto, sob forte temporal, e prepara-se para a incursão no dia seguinte.

Conforme o previsto, partiram, e logo começaram a sentir o peso das rações e equipamentos que transportavam, aliado a um terreno muito movimentado e a fortes chuvas. Ao meio dia notaram que estavam se desviando do rumo 100.º. Ao examinarem a bússola verificaram que a água da chuva a tinha danificado.



MAPA N.º 9

Surgindo o sol, eles prosseguiram orientados por ele durante uma hora, após, o tempo fechou e começou a chover novamente. O Cmt decidiu progredir.

Um dos homens fica impossibilitado de prosseguir por estar com febre muito forte e sentir calafrios. O Cmt decide pernoitar.

No dia seguinte, 16 Fev, deixam o doente com uma guarda e prosseguem, apesar do tempo chuvoso e sem poderem orientar-se corretamente.

Notando que seria quase impossível seguirem a direção desejada, mesmo se o sol aparecesse e já desfalcado de seus homens, o Cmt decide regressar.

As 15h30min estavam de volta a lancha e às 19h de 19 Fev, chegam a Tabatinga. Deste dia, até 4 Mar o Dst aí ficou como reserva, estando em condições de apolar as operações, seja no vale do Javari seja no Curuçá.

No dia 4 Mar chegam a Ypiranga.

## VI — APOIO LOGISTICO

Para a execução da operação o GEF e Elementos empregados, fizeram os seguintes planejamentos:

### 1 — Classe I (20)

Dst	EFEATIVO	DURAÇÃO/DIAS	TOTAL ETAPAS	OBS.
BALA .....	14	16	224	
BALA-1 ...	24	9	216	(a)
BALA-2 ...	6	12	72	
CRUZ-1 ...	9	6	90	
CRUZ-2 ...	14	6	154	(b)
CRUZ-3 ...	10	8	140	
DEDO .....	19	—	507	
TOTAL .....	96	—	1403	

(a) Levariam mais 1068 etapas na lancha Japurá para atender o período de viagem dos Dst BALA, BALA-1 e 2, até Terrinha, e mais um Grupo de Saúde e pessoal acolhido após o cumprimento da missão.

(b) Deste total de 304 etapas, 181 correspondiam aos dias de deslocamento (ida e volta).

Havia uma imposição do GEF de que o Dst AFIR, levasse 3 sacos de farinha para serem ofertados aos índios Marubos.

## 2 — Classe III

Tabatinga, Estirão do Equador, Terrinha e, posteriormente PR, serviriam de P Sup durante as operações. Além destes foram mantidos P Sup Móveis, em embarcações, para poderem apolar efetivamente as operações.

Foram feitas as seguintes previsões:

"QUADRO DE DISTRIBUIÇÃO DOS COMBUSTIVEIS  
E LUBRIFICANTES" (21)

DO BATELÃO IÇA (a)	A DISP CMT GEF			OLEO 30	MISTURA PARA MOTOR	OLEO DIESEL
	Gasolina	Óleo 30	Talpa 40			
Em Tabatinga	3 Tambo- res ou 600 l	3 Tambo- res ou 600 l	1 Tam- bor ou 200 l	1 Tambor ou 200 l (b)	— — —	20 Tambo- res ou 4.000 l
No Estirão	2 Tambo- res ou 400 l	2 Tambo- res ou 400 l	— — —	— — —	— — —	20 Tambo- res ou 4.000 l
Na Lancha Japurá	— —	— —	— —	— —	5 Tambo- res ou 1.000 l	
Na Lancha Gen Gurjão	— — —	— — —	— — —	— — —	3 Tambo- res ou 600 l	5.200 l (c)

"(a) A sobra ficará no Batelão como P Sup Móvel destinado ao reabastecimento das lanchas Japurá e Gen Gurjão.

(b) Destina-se a mistura com gasolina a ser distribuída às lanchas. A mistura deverá ser feita em Tabatinga.

(c) Inclusive no tanque, necessário a ida de Tabatinga até Batan e regresso ao Estirão onde reabastecerá."



Para o consumo do Óleo Diesel, foi previsto o seguinte:

QUADRO DE CONSUMO DE ÓLEO DIESEL (PREVISÃO) (21)

ITINERÁRIO	N.º DE DIAS	LANCHA JAPURÁ	LANCHA GEN GURJÃO
Manaus — Tabatinga .....	10	3.600 L	(Reboque)
Tabatinga — Estirão .....	2	720 L	880 L
Estirão — Batan Batan — Estirão .....	10	—	4.400 L
Estirão — Alto Curuçá Alto Curuçá — Tabatinga .	17	6.120 L	—
Estirão — Alto Curuçá Alto Curuçá — Estirão ...	8	—	3.520 L
Estirão — Tabatinga .....	2	—	880 L
Tabatinga — Manaus .....	8	2.880 L	(Reboque)
SOMA .....		13.320	9.680

TOTAL: 23.000 Litros

*Observação:*

- 1) Os cálculos foram feitos à base de 18 l/h e 22 l/h, consumo das lanchas Japurá e Gen Gurjão, respectivamente.
- 2) Considerando a média de 20 h/dia de trabalho, temos o consumo de 360 l/dia e 440 l/dia, respectivamente, para a Japurá e Gen Gurjão.

3 — Classe V

O Cmt GEF deu plena liberdade para os Cmt Dst decidirem sobre a quantidade de munição, impondo apenas que cada Dst levasse uma ou duas espingardas de caça com a respectiva munição.

Foi a seguinte a dotação dos Dst:

ARMAMENTO (21)

Dst	MADSEN	Mtr INA	Msq	Rev	Gr MÃO	ARMA CAÇA
Bala .....	—	7	6	2	6	2
Bala-1 .....	2	7	6	4	12	3
Bala-2 .....	—	3	2	—	6	1
Cruz .....	1	2	4	—	—	1
Cruz-1 .....	—	2	7	—	—	1
Cruz-2 .....	—	4	10	—	—	1
Cruz-3 .....	—	3	7	—	—	1
Total ....	3	28	44	6	24	10

MUNIÇÃO (21)

Dst	MADSEN	Mtr INA	Msq	Rev	OBSERVAÇÃO
Bala .....	—	630	600	100	P Rem Móvel na lancha JAPURA com:
Bala-1 .....	2.400	630	800	100	1 cunhete de Mun/Mad 1 cunhete de Mun/INA
Bala-2 .....	—	270	200	—	
Cruz .....	360	240	240	—	Mais 360 tiros para as guardas estabelecidas nos
Cruz-1 .....	—	240	300	—	pontos de desembarque de Cruz-1, 2 e 3.
Cruz-2 .....	—	480	480	—	
Cruz-3 .....	—	360	300	—	
Total ....	2.760	2.850	2.920	200	

#### 4 — Outras providências

O Cmt GEF distribuiu a quantia de Cr\$ 20.000,00 (antigos) às OM diretamente empenhadas nas operações, para despesas eventuais e autorizando a compra de tarrafas para os Dst.

Determinava ainda, um reforço na distribuição de comprimidos antimaláricos e instalava o PS a bordo da lancha Abel, para atender as operações no vale do Curuçá.

Foi prevista a utilização de 10 lanchas, 4 batelões, 4 deslizadores e 10 canoas. Das lanchas, 5 foram requisitadas de outros órgãos federais e particulares.

### VII — CONCLUSÕES

Apesar desta operação ter empenhado um efetivo equivalente a uma Cia Fzo, ela pode nos servir para obtermos ensinamentos de real valor sobre as Operações na Selva.

Para facilitar a nossa exposição, vamos fazê-la por partes, dividida sob os seguintes aspectos:

- 1 — Táticos
- 2 — Técnicos
- 3 — Material
- 4 — Logístico

#### 1 — Táticos

##### 1.1 — *A Manobra*

Conforme pudemos ver, o inimigo, bandoleiro, atuava com características de um grupo de guerrilheiros. Tendo em vista este tipo de ação, o Cmt do GEF idealizou uma operação em que os Dst empregados, convergiriam, partindo de 4 pontos diferentes sobre o provável acampamento. Os Dst vindos do vale do Javari bloqueariam o inimigo enquanto o Dst Ref, proveniente do vale do Curuçá, atacaria o objetivo. Determinava ainda, o bloqueio dos rios, que poderiam permitir a fuga dos bandoleiros, por meio de intenso patrulhamento fluvial.

## 1.2 — *Coordenação e Controle*

Além das dificuldades impostas pela Selva (veja artigo publicado no n.º 649 desta revista sobre o Estudo Tático do Terreno na Selva), outros problemas surgiram para dificultar a execução da manobra.

A falta de cartas precisas e em escala adequada ao escalão empregado, causou sérios problemas, conforme podemos observar do relatório final:

"As cartas empregadas na operação, não só de escala inadequada, como incompletas, impediram a obtenção da convergência planejada. Pelo Maj X, Cmt do avião da FAB, que sobrevoou a região, foi verificado que a distância entre as cabeceiras do rio Curuçá e o rio Javari é de 92 km e não cerca de 40 km como se mede nas cartas.

Tal afastamento, como é óbvio, altera completamente o desenvolvimento das marchas, o que ocasionou desvios de direção...

É grande o número de igarapés, de importância considerável, que não constam das cartas, e muitos têm sua localização inteiramente deslocadas do que constam nas referidas cartas... esses igarapés tiveram influência decisiva nas operações".

Um outro problema que dificulta muito o controle das operações é a falta de informações sobre o terreno. A selva impede que, por meio da observação e fotografia aérea e, de cartas com escalas muito grandes, se faça uma previsão de obstáculos a serem ultrapassados. Caso eles existam e, conforme a sua magnitude, acarretarão atrasos no deslocamento da tropa. Este fato ocorreu principalmente com os Dst AFIR, CRUZ-3 e DEDO. Talvez aumentar, sempre que possível a margem de segurança do tempo disponível, para os deslocamentos, seja uma solução.

No caso particular desta Operação, um outro fator ocasionou o atraso do Dst AFIR. A relutância do tuchaua dos índios Marubos (3 dias) em ceder guias ao Dst. Este, é claro, de todo imprevisível.

## 1.3 — *Operações Fluviais*

Nesta operação fica bem evidenciada a influência das vias fluviais nas operações militares num TO Amazônico. Mesmo com o advento das estradas, que ora se constroem, os rios terão capital importância, pois ambos os sistemas, rodoviário e hidroviário, se complementam.

Analisando o quadro abaixo, podemos ver que dos 35 dias de duração da missão (29 Jan — 04 Mar), a maior parte deles foram sobre os rios:

Dst	DESLOC FLU- VIAL	PATR FLU- VIAL	MARCAS A PÉ	DURAÇÃO MISSÃO
AFIR .....	12,5	—	11,5	35
BALA-1 ...	11,5	12,5	—	34
BALA .....	16	—	—	34
BALA-2 .....	15	—	3	
CRUZ .....	7	10,5	—	21
CRUZ-1 .....	12,5	—	4,5	
CRUZ-2 .....	14,5	—	6,5	21
CRUZ-3 .....	10,5	—	5,5	22
DEDO .....	10,5	—	1,5	24
TOTAL ...				

**Observação:** Não foram computados os dias de estacionamento nem os de descanso.

Sendo os rios as principais vias de fuga para o inimigo, o Cmt GEF sentiu a necessidade de bloqueá-los com intensivo patrulhamento fluvial, não só nos principais rios, como também em outros afluentes secundários.

Além dos fatos acima, lembramos ainda, o grande número de embarcações que foram utilizadas (ver item VI n.º 4). PC, P Sup e P Rem, todos flutuantes, dão a mesma nítida característica de operação fluvial.

#### 1.4 — Sigilo

A manutenção do sigilo, para se obter a surpresa, é básica em qualquer operação militar. No caso em questão, em que alguns dos Dst se utilizaram de armas de fogo na obtenção de caça para reforço de sua alimentação, os tiros devem ter alertado o inimigo.

Os igarapés atulhados de troncos, obrigando a utilização de machados para desimpedir o caminho e, o constante deslocamento de embarcações a motor em rios onde não são tão comuns a sua passagem, devem ter ajudado na quebra do sigilo e, em consequência, a fuga do inimigo.

### 1.5 — *Informações*

Em terrenos dessa natureza e onde a falta de cartas precisas, dificultam a realização prévia de um estudo de situação, as informações dadas pelos habitantes locais são de grande importância desde que, judiciosamente analisadas e interpretadas.

No interior amazônico, os ribeirinhos tem um linguajar típico no dar informações, principalmente no tocante a distâncias. Sempre que for perguntado a distância, pelo rio, de um ponto a outro, convém esclarecer se é de motor, a remo ou deslizador. Em alguns rios, nos quais o número de curvas é muito grande, se usa o número de praias para se indicar distâncias, pois no lado de dentro de cada curva, normalmente há uma praia.

Pelas características das áreas de selva, as Patr Rec realmente serão os olhos e ouvidos do Cmt. Os integrantes destas patrulhas deverão estar bem treinados em observarem pequenos detalhes no chão coberto de folhas, tais como: pegadas, restos de comida, folhas novas caídas, etc., além disso, com experiência bastante para saberem se uma trilha é nova ou velha, se foi abandonada a muito ou a pouco tempo.

Por outro lado, nós deveremos ter todo cuidado em não deixarmos estes indícios ao inimigo. Um caso comum nesta operação foi dos homens sobrecarregados jogarem os enlatados ou abandonarem latas vazias nos locais das refeições.

A falta de cartas, conforme citado acima, obrigará a utilização de guias para conduzir a tropa através de áreas desconhecidas. Na Operação Jaquirana, este fato fica bem evidenciado, pois o único Dst que não possuía guia, perdeu o rumo e retornou ao rio Javari (Dst CRUZ-3).

## 2 — *Técnicos*

### 2.1 — *Sobrevivência*

Toda a tropa a ser empregada em operações na selva, deverá estar em condições de retirar dela os seus meios de subsistência.

A instrução de sobrevivência além de capacitar o homem a retirar da selva a sua alimentação, o tornará psicologicamente mais apto a enfrentar as dificuldades impostas por um terreno desta natureza.

Como exemplo citamos o caso do Dst CRUZ-2, que desembarcou no dia 10 Fev e do dia 12 a 21, teve de alimentar-se exclusivamente com os recursos que a selva lhe proporcionou.

Devemos salientar que a instrução de sobrevivência é muito importante para o combatente de selva, mas o homem só deverá se utilizar dela em último caso. A utilização de armas de caça na obtenção de alimento, conforme a situação, deverá ser evitada, pois os tiros denunciarão a presença ao inimigo.

## 2.2 — *Navegação Fluvial*

Normalmente as áreas de selva são irrigadas por um número bastante considerável de rios. No caso específico da Amazônia é de todo dispensável confirmar esta assertiva.

As Unidades empregadas nesta região deverão não só possuírem meios para se deslocarem pelos rios, como deverão ter homens qualificados para operarem estes meios, a fim de serem eficazmente utilizados.

No caso estudado, vimos da necessidade disto. Conhecimentos sobre motores de popa, técnicas de navegação fluvial (diurna e noturna), manutenção de embarcações, etc., serão alguns dos assuntos a serem ministrados.

Os Dst empregaram para cumprirem suas missões um número bastante grande de embarcações: 12 lanchas, 4 batelões, 4 deslizadores e 10 canoas. O número total de lanchas acima, difere do número previsto, pois o Dst CRUZ-2 utilizou-se de 2 lanchas, pertencentes a civis, para chegar a Estirão do Equador.

Outro fato que convém ser ressaltado é a necessidade de se utilizarem embarcações com diversos calados de modo que se possa, à medida que forem se alterando as características da via fluvial, prosseguir no movimento. Vimos que alguns Dst subiam o rio em lanchas, em certa altura, passaram para embarcações menores e finalmente se utilizaram de canoas a remo, pois a profundidade dos rios e igarapés impediam a utilização de embarcações maiores.

Quanto à velocidade de deslocamento das embarcações, além das características próprias de cada tipo, tais como: calado, tipo de quilha, potência do motor, etc., outros fatores irão influenciar. Velocidade do rio, carga transportada, se o sentido do deslocamento for a favor ou contrário à correnteza, se navegar-se próximo da margem ou pelo centro, se o rio está chelo ou se está na vazante, serão os outros fatores a considerar.

Do relatório do Dst CRUZ, obtivemos os dados abaixo, que mostram a influência da correnteza do rio Javari na velocidade de uma mesma embarcação em sentido contrário e a favor da mesma.

TRECHO	TEMPO GASTO		OBS.
	Subindo	Descendo	
Estirão do Equador—Palmeira	63h15min	7h30min	(a)
Palmeira—Angamos	11h30min	1h05min	(a) (b)
Angamos—Foz Galvez	1h45min	0h20min	

(a) Na subida, a embarcação estava com carga máxima e rebocando um batelão.

(b) Na descida, estava com carga mínima e rebocava o mesmo batelão.

Qualquer previsão de tempo para deslocamentos em rios estreitos, não é válida, pois o grande número de troncos caídos impedem um movimento rápido, exigindo que os homens desimpeçam a via fluvial com machados ou serras-motor.

### 2.3 — Preparação Física

Somente suportarão os rigores do combate na selva, os que estiverem fisicamente aptos a enfrentá-los.

Longas marchas, terreno de difícil progressão, chuvas e alimentação deficiente, exigirão do homem, grande resistência física, e não devemos esquecer, tudo que o combatente necessitar, desde suas necessidades pessoais até as necessárias ao cumprimento da missão, terão que ser conduzidas em suas costas.

Além de todos estes fatores, o Dst AFIR teve ainda de deslocar-se a remos durante 3 dias, mais 2 de marcha forçada e além de todo equipamento, transportou 3 sacos de farinha, até atingir a aldeia dos índios Marubos.

### 3 — Equipamento

As operações na selva são consideradas como Especiais, não apenas por exigirem um treinamento e conduta operacional especiais, mas também, por necessitarem de material e equipamento peculiares, que melhor se adaptem ao tipo de terreno, selva, e às decorrentes características das ações militares que nela se realizam.



Em 1960, as Unidades da Amazônia eram dotadas com o mesmo material e equipamento das Unidades de outras regiões do país, que, logicamente, não possuíam aquelas características peculiares exigidas pelo combate na selva.

### 3.1 — *Bússola*

A bússola mais utilizada pelos Dst, foi a Silva. Esta bússola é ótima quando se trata de seguir um rumo, num terreno tipo convencional, onde existem pontos de referência que facilitem a localização do objetivo a ser atingido. Mas na selva, onde não existem pontos dominantes e a observação é reduzida a 15 ou 20 m, ela deixa muito a desejar.

Além desta falta de precisão, não tem boa rusticidade, basta ver que a bússola empregada pelo Dst DEDO, ficou inutilizada pelas águas da chuva.

### 3.2 — *Mochila*

Elas devem permitir transportar um volume bem maior que as convencionais, pois como vimos anteriormente, tudo que o homem necessitar será carregado por ele próprio. Senão, vejamos: na época não existiam, ainda, as rações de combate R-2, mas vamos tomar o seu peso por base, em torno de 1.700 kg. Se o Dst CRUZ-2, que iniciou o seu deslocamento a 10 Fev, chegando a Estirão do Equador na manhã de 24 Fev, num total de 13 jornadas, houvesse recebido estas rações, cada homem receberia um total de 13 delas, representando isso 22.100 kg, no início do deslocamento. O detalhe do peso, apesar de importante, não é o que desejamos salientar e sim, o volume ocupado por estas rações em relação ao volume que a mochila permite transportar, a qual basta uma manta VO para ocupar mais da metade de sua capacidade. E isto apenas para as rações. E o restante do material necessário?

### 3.3 — *Armamento*

Normalmente quando falamos sobre um tipo de armamento ideal para as operações na selva, pensamos nas características da arma e deixamos de lado as características da munição, peso e volume, que muito irão interessar ao homem que a transportará.

Com a finalidade de apenas lembrarmos o problema, citamos a declaração de um dos participantes da operação, quando pergun-

tado sobre qual a maior dificuldade que havia sentido, respondeu: "... além do meu equipamento, ter de levar 38 carregadores de Madsen cheios...".

### 3.4 — *Embarcações*

Acreditamos que esta Operação dispensa qualquer outra argumentação a favor da necessidade das Unidades da Amazônia de possuírem seus próprios meios de transporte fluvial.

Praticamente serão necessários tipos de embarcação com as mesmas finalidades dos meios terrestres que possuímos: transporte de feridos, transporte de tropa, transporte de carga, de assalto, de reconhecimento, etc.

Em operações de grande envergadura podemos ter ainda: hospitais, postos de suprimentos para todas as classes, porta-helicópteros, etc., que oferecerão a grande vantagem de poderem se deslocar, sem maiores problemas, acompanhando o desenvolvimento das ações.

## 4 — **Logísticos**

### 4.1 — *Ressuprimento*

Durante toda a operação foi feito apenas um ressuprimento, no dia 27 Fev, com a chegada da lancha Javari em Terrinha.

Podemos ver o ressuprimento, neste caso, sob dois aspectos: o primeiro, no vale do Curuçá em que os Dst se utilizavam de Terrinha como base de operação, onde se recolhiam após o cumprimento das diversas missões que recebiam. O segundo, no vale do Javari, com relação aos Dst desembarcados nas margens daquele rio e que deslocaram-se por terra em direção ao Curuçá. Resumindo, um, Dst atuando próximo a vias fluviais, com uma base para apoiá-los, outro, Dst atuando longe destas vias e sem nenhuma base de apoio.

O segundo caso é o que mais interessa. O ressuprimento de uma tropa no interior da selva e afastado das vias de comunicações, sejam estradas ou rios, é muito difícil. De imediato duas soluções surgem: via aérea, utilizando pára-quedas ou helicóptero, e via terrestre, por meio de uma coluna de suprimentos, transportada por homens ou animais.

Na Segunda Guerra Mundial, com exceção do helicóptero, todas estas maneiras foram utilizadas. No caso particular da Birmânia, os suprimentos lançados para a Galahad Force, os pára-quedas serviram, também, para denunciar aos japoneses onde a tropa se en-

contrava. Além desse fato, transportando-nos agora para Amazônia, o resgate destes pára-quadras seria bastante difícil em virtude da altura das árvores (média 30 metros), da dispersão dos pára-quadras e da difícil localização da tropa ou ZL, pelas aeronaves.

O transporte de suprimento, por meio de homens, apresentará problemas idênticos ao da tropa levá-lo às costas, pois além do suprimento, deverão conduzir a sua alimentação. Quanto ao emprego de muares, existem alguns problemas, sendo a sua ração, o maior deles. Em 1959, o então 27.º BC, atual 1.º BIS, realizou um exercício, EPS n.º 2 (Exercício de Progressão na Selva), em que um dos objetivos era testar o emprego destes animais no transporte de suprimentos. Chegou-se à conclusão que é possível o seu emprego, mas a topografia, subidas muito íngremes e chavascals, prejudicam muito o seu deslocamento, obrigando o emprego de equipes abrindo trilhas e escolhendo caminhos mais acessíveis.

### VIII — ENCERRAMENTO

As Operações na Selva talvez sejam, dentre todas as operações da Arte Militar, as mais dramáticas e difíceis pois, além de apresentarem as dificuldades e perigos de todas as outras, apresentarão também as decorrentes da própria selva.

O terreno difícil, doenças endêmicas, silêncio, observação reduzida, animais peçonhentos, insetos, calor intenso e chuvas, são alguns dos muitos fatores que elas apresentam para agravar, ainda mais, as dificuldades do combate.

Por isso, o Combatente de Selva terá que ser um soldado fisicamente forte, para enfrentar prolongados e extenuantes deslocamentos, e psicologicamente apto a resistir grandes pressões físicas e ecológicas.

Hoje, uma Operação Militar executada na Amazônia, talvez não apresente o mesmo grau de dificuldade como o que foi sentido pelos integrantes da Operação Jaquirana, pois graças às experiências e ensinamentos que nos deixaram, importantes transformações surgiram nos últimos anos.

A criação do GIGS foi, talvez, a maior de todas. A partir daí aprofundaram-se os estudos, pesquisas e inovações das diferentes técnicas e condutas operacionais, de um ponto de vista exclusivamente brasileiro. Este Centro, hoje COSAC, foi elemento de capital importância na formação de uma "mentalidade de Selva" entre as Unidades do CMA.

Agora temos equipamentos especiais para a tropa da Amazônia. Os BC foram transformados em BIS. Programas Padrão de Instrução foram elaborados e distribuídos especialmente para estas Unidades. A Região Amazônica está completamente levantada pelo Projeto KADAM e as cartas topográficas sendo preparadas.

Particularmente sobre o aspecto militar, ressaltemos, tudo, fruto dos bravos, heróicos e obstinados companheiros do antigo GEF que, longe de tudo e de todos, embrenhavam-se na selva amazônica, por vezes sem nenhuma preparação técnica ou psicológica, mas como o dever impunha, como militares, cumpriam.

### NOTAS EXPLICATIVAS

- ( 1 ) Dado constante no An Info da Diretriz Geral de Operação.
- ( 2 ) Nos relatórios encontramos este nome escrito em duas maneiras: Bathau e Batan. Adotamos a última.
- ( 3 ) Fonte: Enciclopédia dos Municípios Brasileiros — IBGE — 1957.
- ( 4 ) O efetivo de um Pel Fron é maior que o de um Pel Pzo normal.
- ( 5 ) Para facilitar o trabalho arbitramos o seguinte código para a designação dos Dst:

Dst 4.º Cia Fron — Dst AFIR

Dst 7.º Cia Fron — Dst BALA, BALA 1, 2 e 3

Dst 9.º Pel Fron — Dst CRUZ, CRUZ 1, 2 e 3

Dst 2.º Pel Fron — Dst DEDO

Na realidade estes Dst receberam o nome dos Cmt.

- ( 6 ) Na O Op do GEF consta como nome do Igarapé a ser subido como X, mas no relatório do Cmt do Pel consta como do COELHO. Não conseguimos localizá-lo pelas cartas que utilizamos no estudo. Baseado neste relatório arbitramos a localização conforme consta no mapa n.º 4.
- ( 7 ) Trilha um pouco mais larga.
- ( 8 ) Selva inundada pelas águas.
- ( 9 ) Denominação genérica, dada na Amazônia, para embarcações motorizadas. As providas do motor de popa não se enquadram nesta denominação sendo, neste caso, chamadas de deslizadores ou voadores.
- (10) Bateão são embarcações sem motor e normalmente não possuem convés nem porão. Se constituem apenas de casco e de uma cobertura. Servem para transporte de carga. São atrelados ao lado das lanchas e motores.
- (11) Cesta arredondada feita de cipó, muito usada na Amazônia. Quando utilizadas para transporte de farinha, são forradas com folhas para evitar a queda da farinha pelos buracos.

- (12) Normalmente navegando-se rio acima, os pilotos conduzem as embarcações próximo das margens, evitando a correnteza. Como a maioria dos rios amazônicos tem margens abruptas é possível navegar bem próximo delas.
- (13) Não conseguimos localizar este Igarapé. Com base nas informações do relatório, arbitramos a localização constante dos mapas apresentados neste trabalho.
- (14) Os dados constantes nos relatórios são confusos quanto à localização deste Igarapé, pois existem 2 com este nome sendo um o Grande e, o outro, o Pequeno.
- (15) Áreas alagadas, com fundo lodoso coberto de raízes. A progressão é muito difícil, da ordem de 500 m/hora.
- (16) Não conseguimos localizar o relatório deste Dist. Os dados relatados foram retirados do relatório final da operação confeccionada pelo GEP.
- (17) Fruta da Amazônia. Serve para fazer creme, refresco e sorvete.
- (18) Não conseguimos localizar este Igarapé.
- (19) Látex.

*"Se um dia já homem feito e realizado, sentires que a terra cede aos teus pés, que as tuas obras se desmoronam, que não há ninguém à tua volta para te estender a mão, esquece a tua maturidade, passa pela tua mocidade, volta a tua infância e balbucia entre lágrimas e esperanças as últimas palavras que sempre te restarão na alma: MINHA MAE, MEU PAI!"*

RUI BARBOSA